

# Por uma comunicação do (re)conhecimento: encontros dialógicos em território Boe-Bororo

*Elissa da Costa Mattos*

Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina  
elissageo@gmail.com

*Victoria S. Magalhães*

Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina  
victoriasmagalhaes@gmail.com

*Mariel Mariscot Bento Kujiboekureu*

Universidade de São Paulo  
marielekureu@gmail.com

---

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo promover uma reflexão dialógica conectando os processos de comunicação e a geografia, partindo de uma perspectiva crítica e aproximando diferentes perspectivas e trajetórias de vida. A base para a construção do artigo foi a atividade de campo, no âmbito da disciplina Comunicação e Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/UEG), realizado na Aldeia Meruri (Povo Boe-Bororo), em General Carneiro/MT, em 2023. Assim, considerando uma geografia humanista que reconhece as narrativas locais e a representatividade das vivências, das origens históricas relacionadas aos lugares e valoriza narrativas que revelem tradições, memórias e a subjetividade, esse trabalho utilizou como recurso metodológico a práxis e o relato autoetnográfico. Buscamos amparar os textos autorreflexivos a partir de teorias e pensadores da Geografia, Autoetnografia e Comunicação, para “pôr em comum” realidades pouco acessadas pela produção científica tradicional/conservadora. Como resultado dispomos a interconexão entre processos comunicativos fortemente assentados nos lugares de vida de cada autora/autor. Esperamos que as reflexões apresentadas contribuam com novas leituras sobre a comunicação e suas raízes, cravadas nos territórios de cada povo.

**Palavras-chave:** Comunicação, autoetnografia, lugar, povos originários.

---

## Introdução

A comunicação acontece em diferentes perspectivas no âmbito da sociedade e em sua relação na natureza. O universo acadêmico-científico, no entanto, acabou por solidificar a comunicação escrita em um lugar de superioridade. Quem se vê como detentor do saber por ser integrante do corpo acadêmico e está (apenas) em busca de solidificá-lo através da ascensão hierárquica que os títulos e as produções científicas prometem, é deslocado para o lugar de um sujeito que se reconhece detentor de

instrumentos privilegiados para apreender e contar sobre a realidade e que, por isso mesmo, compreende que recorrentemente não o fez e o faz de forma limitada.

Alguns grupos, no entanto, vêm buscando romper com uma produção científica isolada, construindo estratégias dialógicas de interação com a realidade concreta. Este é o caso, por exemplo, do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), que tem estabelecido como tática a realização de deslocamentos do Campus para os “Campos” e, do lugar de pretensão mérito intelectual para o de aprendiz, distanciando-se da superioridade hierárquica do conhecimento. Um deslocamento objetivo que, frequentemente, forja o deslocamento subjetivo. Isto está na ementa do curso? Não, mas assim o percebemos e nessa direção temos nos desafiado. Parece, com essa descrição, que os mestrados são “tábulas rasas” tanto quanto o são os que não frequentaram a universidade? Um representante da Geografia tradicional perceberia assim, não é?

Integrar o PPGEO/UEG nos faz acessar as incoerências das certezas e nos ensina a ouvir o outro confrontando julgamentos. Temos compreendido que, sendo representantes da ciência, não temos a capacidade de “dar voz” nem traduzir conhecimentos que outras pessoas (supostamente) não alcançariam sobre sua própria práxis. Não temos esse poder porque não somos capazes de compreender inteiramente o que não vivemos, os lugares que nos são estranhos não são revelados na totalidade durante os dois anos de mestrado, em quatro anos de doutorado, nem numa vida inteira como intelectual, pesquisadores e como professores. Considerando, assim, esse caminho trilhado pelo curso de mestrado, o presente trabalho busca estabelecer relações entre formas de comunicação e construção do conhecimento a partir de relatos de atividade de campo realizado na Aldeia Meruri, do Povo Boe-Bororo, no município de General Carneiro, estado do Mato Grosso.

Milton Santos é um referencial fundamental desde as primeiras palavras tecidas aqui, na medida em que afirma que “[...] hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (Santos, 2005, p. 161). Santos (2005) destacou a importância da comunicação para a construção dos valores culturais hegemônicos e, a partir de seus escritos, reconhecemos que é no *lugar* que as ações sociais se materializam, através dos meios técnicos, a partir de preocupações pragmáticas e simbólicas.

Considera-se, assim, que o objeto da Geografia é o espaço geográfico indissociável, um sistema onde se materializam as contradições, as desigualdades, os

movimentos dos lugares, os diferentes usos do território no tempo. Busca-se desvendar o lugar (a Aldeia), ao mesmo tempo distinto e indissociável das demais escalas.

Muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente (Santos, 2005, p. 158).

Infere-se que desvendar o conceito de lugar, na atualidade, implica em perguntar: o que é local, cotidiano e o que é global? Como essas forças são estabelecidas e apresentadas? Se “cada lugar é, a sua maneira, o mundo” (Santos, 2005), é o mundo, a expressão de cada lugar? Reconheceríamos a cultura Boe-Bororo de Meruri no mundo, como o inverso?

Outro referencial importante, na reflexão sobre estas questões, é o pensamento de Bell Hooks, para quem:

[...] somos transformados individualmente, coletivamente, à medida que criamos um espaço criativo radical que afirma e sustenta nossa subjetividade, que nos dá um novo lugar a partir do qual podemos articular nosso sentido no mundo (Hooks, 2019, p. 295).

Considerando os elementos dispostos, buscamos uma abordagem metodológica que possibilitasse a construção de um diálogo aberto, partindo de diferentes perspectivas e tendo o processo comunicativo como ponto de interseção. Nesse sentido, o presente texto foi estruturado a partir de três relatos autoetnográficos. Para Carolyn Ellis, pioneira no estudo desse recurso, a autoetnografia é um relato de experiências pessoais que tem como objetivo o entendimento de uma determinada experiência cultural (Miranda, 2022).

Ao nos comunicar a partir da autoetnografia, buscamos confrontar o paradigma cartesiano e positivista que ainda rege as formas de comunicação consideradas científicas. Arriscamo-nos ao exercício de outra forma de comunicação e de produção do conhecimento a partir da “autorrepresentação” de forma comprometida e militante, a partir de nossas similitudes e singularidades para ir de encontro a vivências que são coletivas, porém, pouco consideradas, muitas vezes silenciadas. A subjetividade também constrói as realidades e sem elas, a ciência é fria e o conhecimento é parcial.

Negamo-nos à neutralidade como forma de “[...] interpelar os estereótipos e as narrativas hegemônicas, de criar espaços reflexivos não limitados e de auxiliar no aperfeiçoamento das nossas incessantes negociações no campo do conhecimento” (Boylorn; Orbe, *apud* Miranda, 2022). Também foi base para o texto os registros do Diário de Campo de Mariel Ekureu, que traz elementos essenciais a partir de atividades

com estudantes da Aldeia Meruri. Desta forma foram desenvolvidos nossos argumentos e produzido este artigo.

### **Aldeia Meruri do Povo Boe-Bororo: observações sobre a singularidade e a universalidade do lugar**

Depois de alguns poucos quilômetros de estrada de chão avistamos a cruz no centro de um pátio, contornado pela construção de alvenaria que parecia uma escola. Descemos do ônibus e nos organizamos em torno dela como nossos anfitriões indígenas e não indígenas. Estávamos em torno de quinze pessoas com algum vínculo com a Universidade, ansiosos, empolgados para conhecer esse “outro mundo” que deveria nos ser familiar e, ao contrário, era quase que completamente estranho para a maioria de nós, mesmo aos geógrafos.

“A gente só tem uma visão de mundo diferente” nos disse o indígena Mariel Ekureu, mestre pela Universidade de São Paulo (USP), durante a disciplina Comunicação e Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/UEG). Diferente como? Estudamos sobre os “índios” desde muito pequenos através das imagens dos viajantes europeus, dos textos dos livros didáticos e dos relatos literários de tantos religiosos. Quem melhor para ensinar se foram esses os primeiros a reconhecer e acolher esse povo, no território que viria a ser Brasil? Como poderíamos ter visões diferentes se vivemos numa mesma “aldeia global”?

Milton Santos (2006) diz que a comunicação não se dá no espaço e sim no território, no lugar. Então percebemos que antes das vozes, muitas mensagens contaram sobre a paisagem de onde viveram (viverem) os indígenas, mas não sobre o que sentem, quem são. Lembramos da afirmação que ouvimos da professora Maria Adélia de Souza (2023), em um de seus vídeos: “A Geografia contemporânea está devendo compreensões à vida humana”. Está.

Um campo de futebol enorme está à nossa frente e nos separa das casinhas que substituíram as ocas em círculo do imaginário popular “civilizado”. À nossa direita percebemos a cruz da capela onde dizem haver um Cristo indígena, mas o que vemos são imagens de um Jesus de longos cabelos loiros e vestes brancas. À esquerda, o prédio escolar, que está em reforma, anuncia aulas tradicionais, dentro das salas.

É Aivone, pesquisadora há mais de 20 anos sobre os Boe, professora da Universidade de São Paulo, quem inicia as boas vindas contando um pouco sobre o

espaço e o que nos espera. Em seguida ouvimos a irmã salesiana. Falam da relação entre a religião e a preservação da vida dos Boe-Bororo. Acolhedoras. Ficamos com receio de que, aqui também, a narração pela voz do não indígena delineasse o imaginário onde devem acomodar os relatos Boe. Para nossa sorte, um dos indígenas presentes pede a palavra e diz o que sente em relação à nossa chegada e o que espera de nós, em Boe. Da tradução entendemos que não seremos convidados tratados como “civilizados” e ilustres, estamos para aprender e contribuir, para que outros e outras queiram e possam aprender também.

A severidade da voz e do semblante do indígena pesa sobre nós. Que sejamos estudiosos e demonstremos boa vontade não basta, percebemos. Quando contamos sobre o outro, contamos, na verdade, o que alcançamos e o que nos interessa, sobre esse outro. Não foi o suficiente, historicamente. Não será o suficiente. “Comunicar é pôr em comum”, lembrou Milton Santos (Santos, 2000). Mas estão postas as distinções e a enorme distância entre o lugar não indígena e o lugar indígena, mesmo compartilhando o mesmo espaço, mesmo quando somos não indígenas e indígenas que também compõem a Universidade.

Na Aldeia Meruri estão postas as contradições entre as “atividades racionais” e as “atividades simbólicas”. Percebemos, todos, a “ação vertical” que consegue impor formas de pensamento externas, produzindo confronto e não equilíbrio na relação entre as escalas geográficas representadas, interna e externa, local e global. Não compomos todos a mesma “aldeia global” se nossos conhecimentos são universais e desconsideram os conhecimentos locais.

Percebemos que a aldeia apresenta suas forças de resistência, os valores ligados às técnicas próprias, o incomum do produzir sob suas próprias formas culturais, ao mesmo tempo em que acolhe a cultura “de fora”. Ali, as distintas interpretações de mundo se entrelaçam e também se chocam numa “verdadeira negociação social, de que participam preocupações pragmáticas e valores simbólicos”. Esse “[...] lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (Santos, 2006).

Esta experiência e possibilidade de diálogo, na Aldeia Meruri, oportunizou o rompimento definitivo com o pensamento positivista que ainda parece dominar a produção do conhecimento e, certamente, domina tanto a geografia escolar quanto a acadêmica. Se é o conhecimento “um dos principais trunfos para o futuro”, são os povos originários, como os indígenas, os portadores do mais importante acervo cultural da

humanidade, parafraseando o professor Carlos Walter Porto Gonçalves.

Não é o mundo, a expressão de cada lugar. Por essa razão, começar o estudo de Comunicação e Geografia do Povo Boe-Bororo acessando as pesquisas desenvolvidas por eles e indo a campo para conhecê-los foi imprescindível e nos proporcionou compreender mais que as palavras, os sentimentos, os sentidos, a subjetividade dos Boe e nossa. Segue um diálogo a partir dos processos comunicativos, em especial a comunicação visual, do Povo Boe-Bororo.

### ***Kuógo: comunicação, lugar e natureza***

*É perfeitamente possível atribuir ao diário de campo a possibilidade de realizar em profundidade (...) a dialética do encontro de subjetividades (Costa, 2002, p. 157)*

Iniciamos, com alunos Boe, a caminhada com o *Bakáru* (Oralidade Ancestral) sobre a origem de alguns peixes. Por haver muitos detalhes interessantes que os estudantes do 6º e 7º anos não sabiam, abordamos somente uma parte do *Bakáru*. Era uma oportunidade para que eles aprendessem os aspectos da visão Boe-Bororo, os detalhes que fazem conexão com toda a ancestralidade e suas complexidades. Detalhes importantes os prenderam diante do conhecimento. Perceberam que alguns nomes se referiam ao Ipê, *Kuógo*, *iru i*, *itchégu i* e isso os provocou a fazer uma busca para compreensão dos nomes e de suas diferenças.

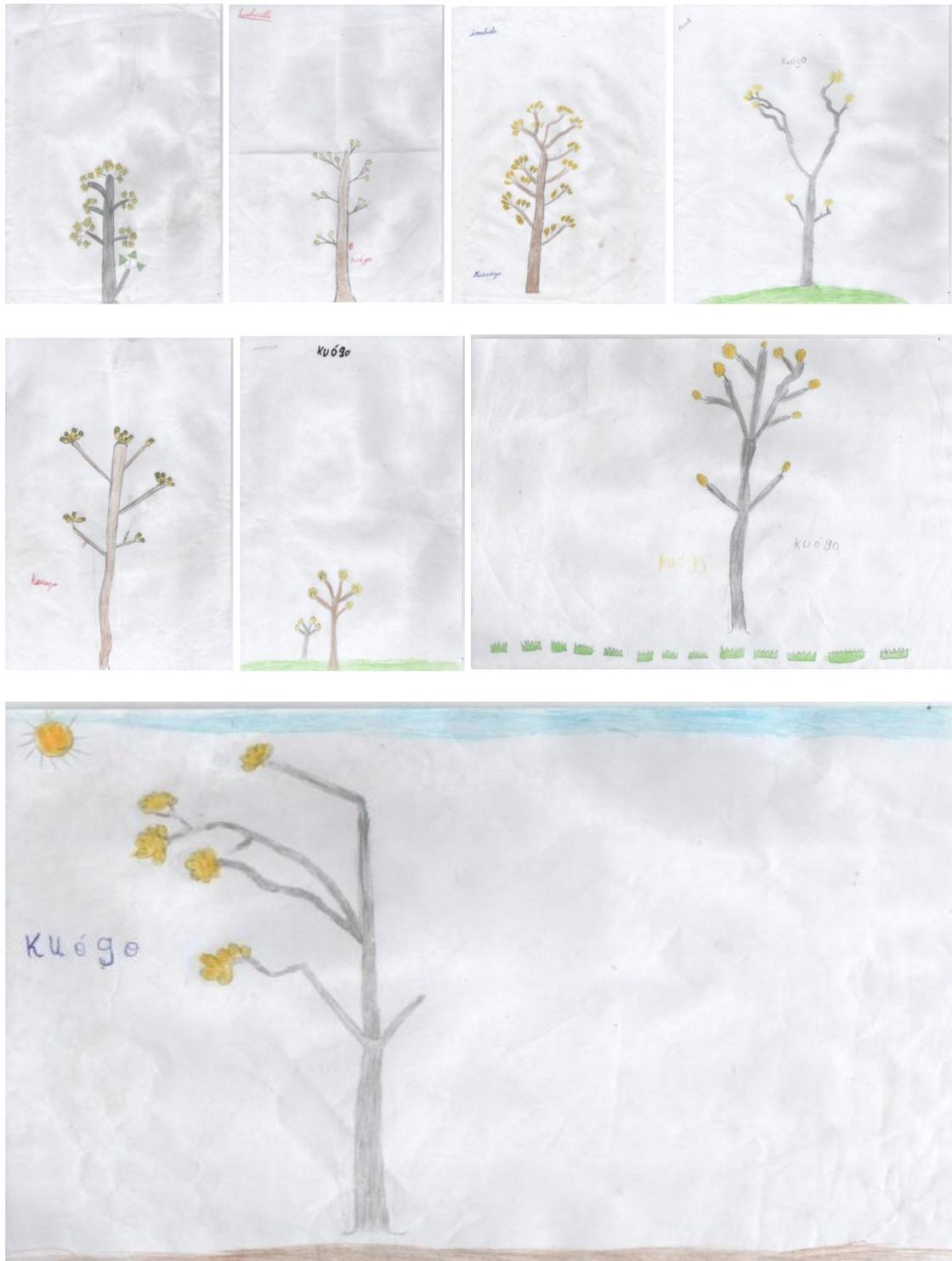
Convidaram algumas pessoas para contribuir com essa busca. Leonida Maria Akiri Kurireudo, da aldeia Meruri, em General Carneiro/MT, e Diana Kíga, da aldeia Tadarimana, município de Rondonópolis/MT, foram as primeiras. Vale destacar que as informações que elas passaram levaram-nos a ir além da sala de aula e de suas limitações e expandir a fronteira limitante do perímetro da escola, buscando novos processos de comunicação. Para tal, foi programado, junto à direção da escola, levar os estudantes a um ou dois quilômetros ao sul da Aldeia Meruri onde se localizam os Ipês que estavam floridos. Fomos ao local com dois carros e lá fizemos as conexões que abordaram no *Bakáru* de “Criação dos Peixes” (*Káre Etorwujédu*). Os estudantes notaram, assim, vários elementos de conexão para com a planta, elementos com a organização social, a aldeia, os chefes clânicos e com o peixe dourado. Com as pinturas do peixe dourado surgiram elementos vindos das flores dos ipês amarelos (Figura 1), que também estão interligados com o direito de primazia como pintura facial do clã dos *Bokodóri Etcheráe*.



**Figura 1** – Atividade de campo com estudantes da Escola Boe-Bororo, Aldeia Meruri, General Carneiro/MT, 2023.

**Fonte:** Arquivo Escola Boe-Bororo, 2023.

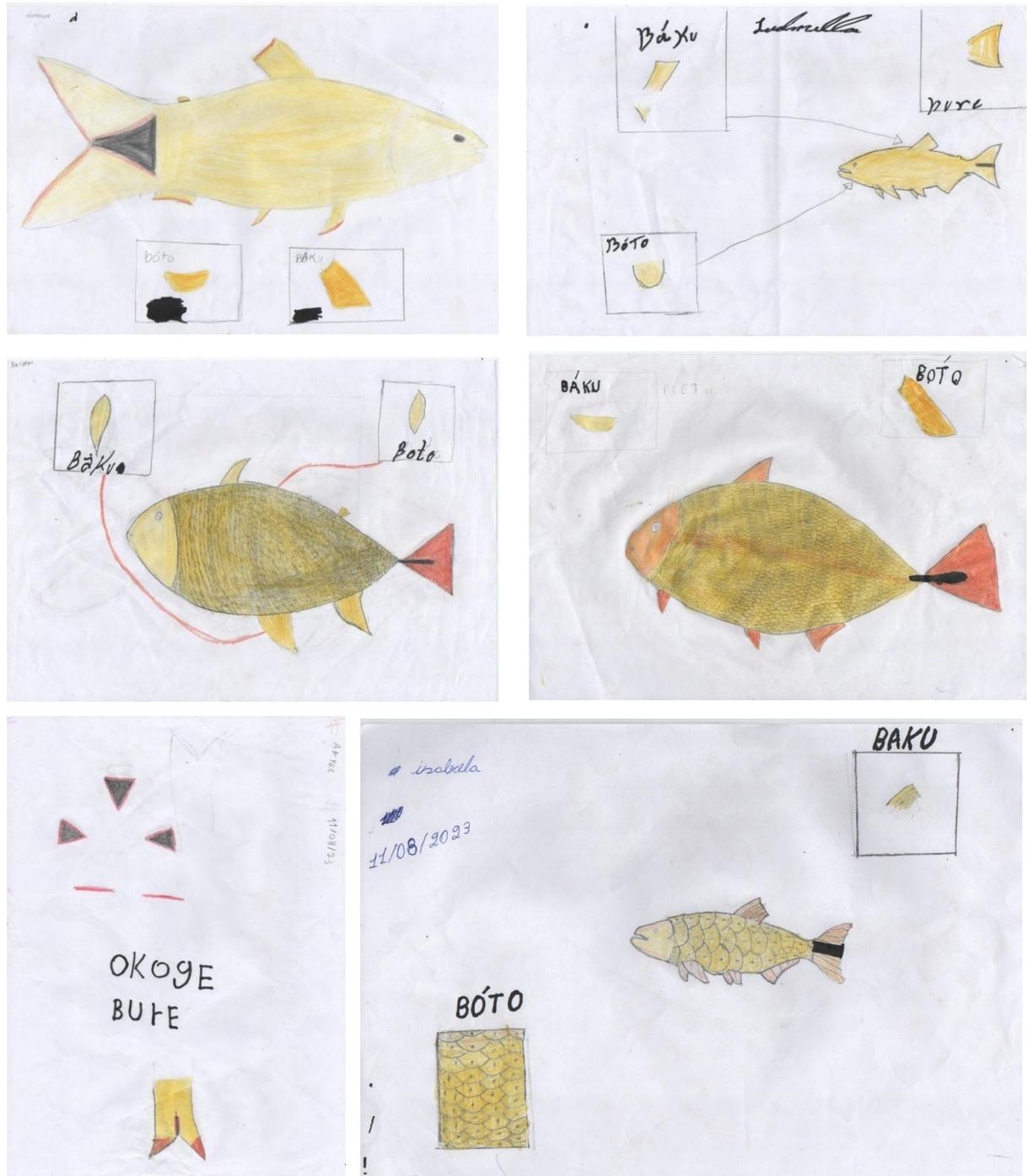
Após essa etapa de contato da turma junto às plantas, retornamos para a escola onde os estudantes iniciaram a construção da memória vinda do *Bakáru* contado, compartilhado. Foram produzidos trabalhos como desenho da planta, do peixe dourado, das pinturas faciais que vem do peixe dourado (Figura 2). Esses trabalhos foram sendo construídos sem pressa por acreditarem que a construção tem seu tempo e a rapidez pode causar estresse e desestimular os estudantes na aventura pelo conhecimento.



**Figura 2** – Desenhos produzidos por estudantes do Povo Boe-Bororo, após atividade de campo, Aldeia Meruri, General Carneiro/MT, 2023.

**Fonte:** Arquivo Escola Boe-Bororo, 2023.

As atividades de desenho e representação realizadas trouxeram muitas informações para a construção da memória e de um processo de comunicação que envolve as plantas, o peixe dourado e a cultura visual das pinturas faciais Boe-Bororo. O peixe dourado (Figura 3), em especial, estabelece uma relação importante com o *Kuógo* e, conseqüentemente, com a cultura do Povo Boe-Bororo.



**Figura 3** - Desenhos produzidos por estudantes do Povo Boe-Bororo, após atividade de campo, Aldeia Meruri, General Carneiro/MT, 2023.

**Fonte:** Arquivo Escola Boe-Bororo, 2023.



**Figura 4** - Desenhos produzidos por estudantes do Povo Boe-Bororo, após atividade de campo, Aldeia Meruri, General Carneiro/MT, 2023.  
**Fonte:** Arquivo Escola Boe-Bororo, 2023.

A partir da atividade em campo também foram visualizados outros elementos da biodiversidade, como os passarinhos (Figura 4), que também, como a natureza como um todo, compõe uma totalidade com os seres humanos e, especificamente, com o Povo Boe. A atividade também envolveu o trabalho com a língua materna (Figura 5), fortalecendo o processo de comunicação em diálogo com a natureza.

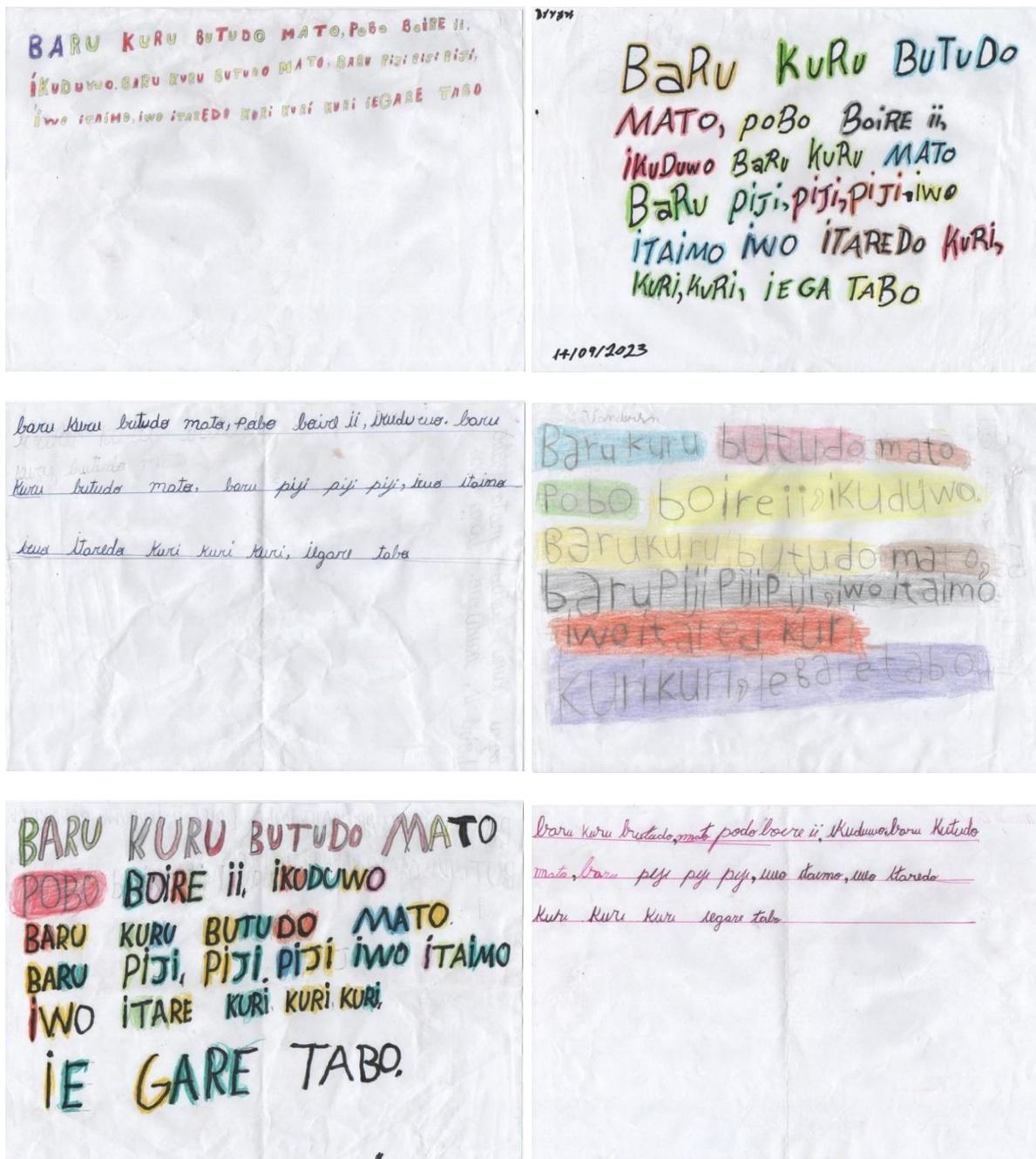
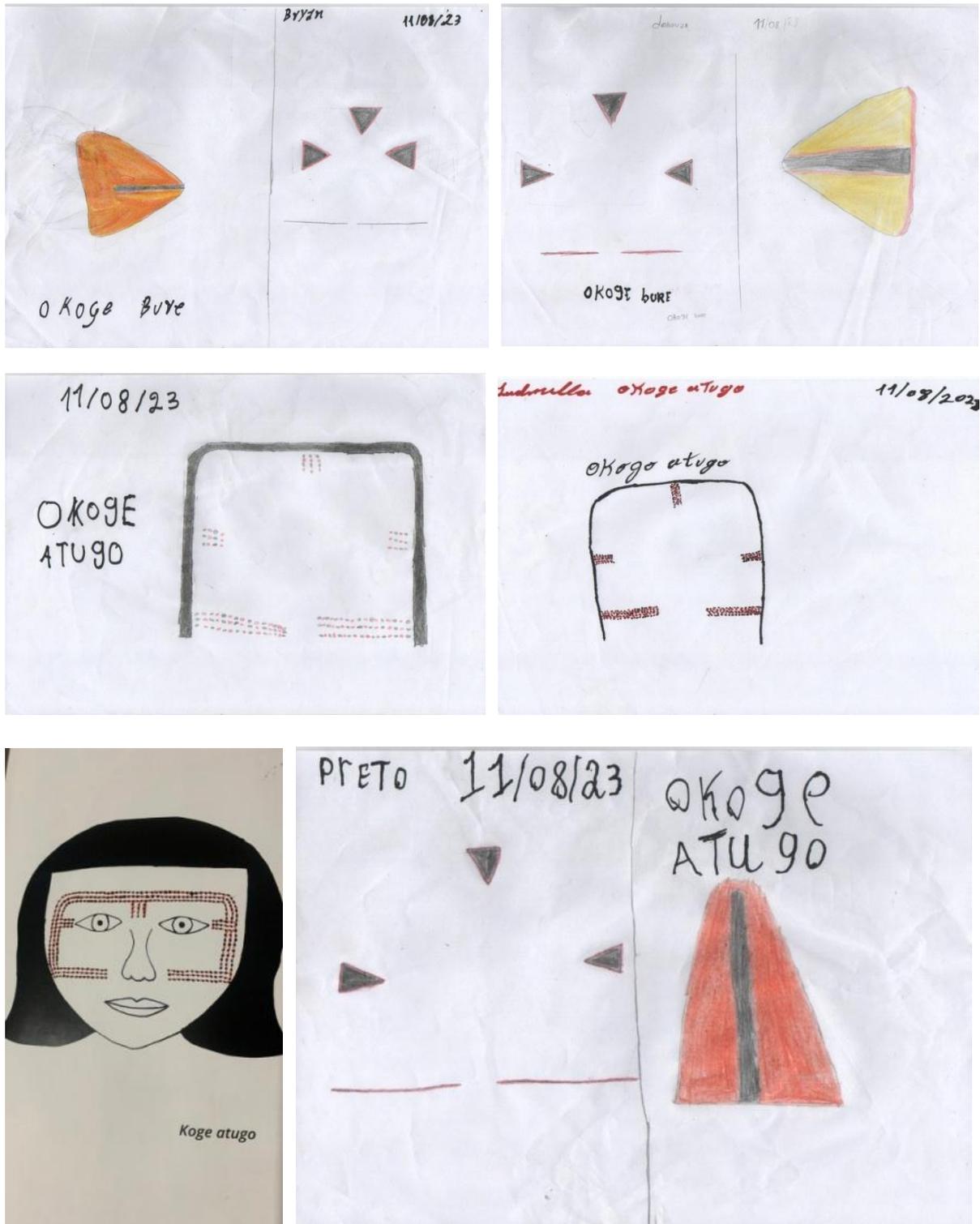


Figura 5 – Desenhos produzidos por estudantes do Povo Boe-Bororo, após atividade de campo, Aldeia Meruri, General Carneiro/MT, 2023.

Fonte: Arquivo Escola Boe-Bororo, 2023.



**Figura 6** - Desenhos produzidos por estudantes do Povo Boe-Bororo, após atividade de campo, Aldeia Meruri, General Carneiro/MT, 2023.

**Fonte:** Arquivo Escola Boe-Bororo, 2023.

Fizemos, por fim, realizamos uma conexão entre os elementos da natureza (Ipê, Peixe Dourado, Pássaros) com as pinturas corporais Boe-Bororo (Figura 6).

Depois de um mês mais ou menos voltamos ao local das plantas, pois na oportunidade as flores já haviam se tornado sementes. Era muito importante que os estudantes percebessem o processo de vida da planta. Ao mesmo tempo desse trabalho vivido junto aos estudantes, realizamos pesquisa sobre os nomes dos ipês na língua Boe-Bororo e o que trazem de significados. Chegamos, assim, ao trabalho de pesquisa do linguista Fabrício Marcel Ferraz Gerardi, com quem já realizávamos pesquisas relacionadas a língua Boe-Bororo. Gerardi, um brasileiro que mora e dá aulas na Alemanha, contribuiu para que chegássemos a uma ideia sobre o que pode ser entendido como “*Kuógo*” (mistura de esplendor).

Os Bakáru, apesar de serem muito antigos, trazem vida para o presente, oportunidades de construir conhecimentos da cosmovisão Boe-Bororo e abrir caminho de viver um pouquinho a ancestralidade. A cosmovisão Boe parte do simples para o complexo e sempre volta ao ponto do início. Destacamos a comunicação estabelecida com as pessoas de outras aldeias Bororo, com o linguista Fabrício na Alemanha e com os acadêmicos e professores da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Construir a narrativa das experiências em sua aldeia, com seus alunos e comunidade, enlaçando com todo o processo externo, foi “de bastante intensidade”. E não foi, não é simples para pessoas com cultura de oralidade, transformar observação, diálogos, reflexões, aprendizagens, em textos escritos.

Sobre alinhar a riqueza das experiências como professor em nosso território e o desafio de transmitir todo o processo de acordo como esperado pela disciplina Geografia e Comunicação ressaltamos que conhecemos pessoas, sentimentos, vivência, rostos, alegria, esperança e muito conhecimento que ultrapassam os limites geográficos determinados. Espero que estes textos e imagens possam contribuir com todos os tipos de conhecimentos. E que tudo isso possa ser o início de algo grande para todos nós em nossas vidas.

## Uma narrativa sobre o encontro entre a Ancestralidade Afrodiaspórica e o território do Povo Boe

Ah, seu eu pudesse, só por um segundo  
rever os portões do mundo que os avós criaram  
Vale do Jucá - METÁ METÁ

Após dar infinitas voltas na árvore do esquecimento, chorar os mortos, catar os corpos jogados ao mar, da travessia claustrofóbica, chegamos a uma terra desconhecida e fomos juntados a vários iguais, que não falavam as mesmas línguas, não vinham do mesmo lugar, mas tinham em comum a pele preta e a condição de sequestrado. Recebemos nomes dos nossos donos, viramos objetos, sem alma, sem crença, sem família, sem direitos. Nosso asé que está nas palavras e no toque dos tambores, da cultura que pulsa e nos move, foi proibido. Não podemos mais dançar, nem rezar. Nos mataram por dentro, nos sangraram na pele, tiraram nossos filhos dos nossos peitos.

Por muito tempo Victória Magalhães encontrou esperança nas memórias de antes, na terra onde é rainha, em que seus ancestrais caminhavam, apesar do banzo e da diáspora. A dor de estar em outro lugar não cabia nas palavras violência, genocídio, etnocídio, escravidão, estupro e tantas outras que hoje formulam uma mísera parcela desse sentimento que ainda dói.

Quem trilhou esses caminhos, aprendeu a sobreviver graças aos parentes e irmãos que já viviam nesta terra, que também conheceram a amargura de serem escravizados e de terem seus familiares assassinados na sua frente. Foram os povos indígenas que ensinaram os povos de África, o que se podia comer e a sobreviver nas florestas. Foram eles que mostraram as trilhas para fugir, caminharam junto e a se fortalecerem nos momentos de fraqueza.

Muitos povos afrodiaspóricos passaram a viver com os povos indígenas, outros muitos se aquilombaram entre si (Silva, 1998), mas a maioria não consegue hoje, fazer o resgate de qual caminho seus antepassados trilharam para chegar até aqui.

A história da família de Victória é uma destas que se perdeu nas memórias, se embaralhou com a de muitas outras famílias. Ela traz no rosto, no sangue e nos sobrenomes vestígios de vários lugares. A avó materna veio das Minas Gerais com sua família para Goiás, e lá conheceu seu avô, comerciante. A avó conseguiu estudar e trabalhar como enfermeira, cuidando das pessoas do bairro, que não tinham acesso a saúde básica.

A avó paterna saiu da Bahia, foi com o pai garimpar diamantes no interior do Mato Grosso. Lá conheceu o marido, que vivia na mesma região ocupada pelos “bugres”, forma preconceituosa de nomear povos indígenas que não se sabe a etnia. Chastan (1996, p. 34) informa que o termo Bugre, “é aplicado a qualquer índio [sic] selvagem; termo depreciativo que, segundo Albert Bauzat (Dictionaire Etymologique), vem do baixo-latim bulgarus, búlgaro e depois por extensão passou a pejorativo; a forma bugre nos veio do francês ‘bougre’”. Pelo contexto histórico e geográfico, podem ser Xavantes, Bororos, Bakairi e uma infinidade de outras etnias que foram aniquiladas pelos colonizadores tempos antes do nascimento de seus avós.

Ela diz que carrega consigo essa característica migrante, essa força que pulsa sempre a levando para outros lugares: “Tenho DNA de pessoas que sempre se preocuparam com o próximo, sempre fizeram de tudo para dividir o que conquistaram porque nada é de ninguém”. E cresceu aprendendo que se alguém de sua família não está feliz, ninguém está, porque tudo que tem é coletivo (Quitiliano, 2022). As avós a ensinaram a cuidar, os avôs a ensinaram a lutar e conquistar. Cada um de uma forma, do seu jeito, ensinaram que ensinar é amar.

Uma vez teve o rosto pintado pelo amigo Eric Timóteo Iwyrâkâ Kamikiawa da nação Kurâ-Bakairi em Cuiabá. Ele desenhou um bico de arara em suas bochechas e explicou que as araras são animais inteligentes, bonitos e muito fortes. Que ela precisava não se deixar seduzir pela beleza das coisas, pois elas podem ser perigosas. Além disso, que precisava ser como uma arara, forte, e usar a força a seu favor para conquistar seus objetivos.

Quando visitou a aldeia Pakuera do povo Kura, a serviço do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o censo agropecuário de 2017, foi guiada pelo Eric e teve a oportunidade de o conhecer mais profundamente, ser apresentada à sua família e ao seu povo. Era a primeira experiência de contato em uma aldeia indígena, e foi tão bem recebida que se sentiu em casa. Essa experiência ainda ressoa em sua vida, e ao saber que iria visitar Meruri, a convite do professor Murilo Souza, já sentiu que essa vivência iria mexer consigo em todos os aspectos. Sentiu que a espiritualidade e as forças dos seus guias e ancestrais dançavam e a balançaram por esse caminho.

Desde então, a fome por participar de todas as atividades da disciplina de Comunicação e Geografia começou a crescer, estava ciente de que iria conhecer estudantes do doutorado da USP que nos guiariam no seu território e ensinariam partes da sua cultura. Inscreveu-se rapidamente para que conseguisse a vaga e pudesse enfim

ter esse contato com a aldeia e com o povo Boe, que já tinha uma familiaridade por ter morado no Mato Grosso e passado pelas suas terras diversas vezes no trajeto de ida e vinda para Goiânia e Cuiabá. Ela não tinha dimensão do tamanho do impacto que participar das aulas teria em sua vida.

Nas aulas que premeditaram a viagem, ela e os demais estudantes tiveram contato com alguns Bakárus através do Mariel e Agostinho, que sensibilizaram a todos, sobre a forma de ver a vida e a natureza, os parentescos ancestrais. As cosmovisões indígenas sempre a impactam muito, pois compartilha do pensamento de que são todos parte da natureza e do universo, feitos da mesma matéria.

Victória conta que em algum dos momentos durante os encontros, foi tomada por um sentimento transcendental, onde pode se reconhecer como parte desse todo. Teve uma das melhores sensações que já experimentou em vida dentro de uma sala de aula, em contato virtual com estudantes do povo Boe e, acredita verdadeiramente que essa experiência foi espiritual e que era essencial passar por isso antes de pisar a Terra Meruri.

Chegando em Meruri, já na estrada de terra, numa curva, avistou um mutum macho, provavelmente adulto, muito bonito. Sabia que ele é um animal sagrado para alguns povos indígenas e que serve de alimento para povos que sobrevivem de caça. Ficou muito feliz por esse encontro, pela riqueza e beleza daquele animal, e se sentiu bem-vinda naquelas terras. Sentiu que foi recepcionada por uma energia natural, uma força ancestral, que alimenta, encanta e voa.

A recepção pelos representantes da comunidade indígena Bóe-bororo, a fez sentir parte daquele chão, numa sensação análoga à que sentiu quando esteve em Pakuera e àquela descrita por Itamar Vieira Junior (2021, p. 48):

Foi assim que cheguei a um lugar, um lugar muito quieto, muito sereno, um lugar sem cercas, sem casas, um lugar com árvores secas, mas um lugar, com bichos andando soltos, com a serra ao seu redor, com um monte no seu centro, fui erguendo de mim mesma uma vontade, como se fosse uma montanha, ia erguendo de mim mesma, ia serenando coisas boas, meus pés estavam dormentes, minha pele tinha muitas feridas, meu cabelo carregava o barro do mundo por onde passei, mas erguia em mim uma vontade muito bonita, era como se atravessar as muitas léguas do mar até aqui sem palavras era minha prece de liberdade, eu deitei na terra, fatigada de tudo, deitei na terra que se evolava o calor, mas também emanava o frescor d'água, foi assim que deitei e fiquei por muito tempo deitada, num terreno aberto como um campo, cercado por árvores vivas.

Ao conhecer um pouco sobre a organização social do povo Boe, sobre os clãs e as orientações a partir de uma forma circular, conseguiu enxergar de onde vinham as

conexões com as vidas animais e vegetais. Tudo faz sentido a partir da perspectiva histórica que estes parentes construíram.

Os *Bakárus* apresentados por Kujibo Ekureu Mariel (Bento, 2022), durante a disciplina de Comunicação e Geografia do PPGeo/UEG, sobre como cada clã é representado por um ser vivo ou por uma característica encontrada primeiramente por cada componente do grupo, passa a fazer parte do nosso reconhecimento ancestral. Além disso, somos incluídos, enquanto grupo não indígena, dentro do clã *Bokodóri Etcheráe* nos tornando parte daquele povo, e parte daquela aldeia. Esse abraço trouxe muito significado para quem busca encontrar sua identidade e seu lugar no mundo. É um espaço de aconchego, mas também de aproximação da luta.

Desde então, ela tem refletido sobre o desejo de entender, no seu corpo, suas próprias origens e elaborar sobre as terras em que as raízes têm crescido. Dessa experiência nasceu a vontade de fazer parte do PPGeo/UEG, fez começar a escrita de um projeto de pesquisa que segue nesta investigação. Na busca pelo seu lugar no mundo, sendo um corpo negro em diáspora, que conviveu com várias negações e com vários acessos enquanto caminhava. Sentiu-se parte de tudo, de todo lugar que pisa, que sente, que aprende. Ao mesmo tempo que experimenta sempre o não-lugar em todos os territórios que passa, não permitindo deixar crescer suas raízes.

Por muito tempo não sentiu ser parte dos territórios que convivia. Agora segue em busca do seu lugar no mundo com respeito a todas as vidas que estão presentes no Cerrado, seu principal lugar de pesquisa. Todas as árvores, todos os animais, todas as plantas, os rios, as pedras, a terra, e principalmente as pessoas, encarnadas e encantadas. Todas as energias vitais que já passaram por este ambiente e que por aqui ainda habitam. E com respeito à sua própria existência, a todos os encantados que caminham com ela, aos Orixás que a guiam, aos seus guias espirituais, aos que vieram antes, e aos que virão.

Reconhece-se e conecta com cada pessoa viva e morta deste território: “Sou muito grata a essa possibilidade de vivência que a disciplina nos proporcionou e acredito que essa experiência foi muito importante para abrir caminhos e encruzilhadas no futuro da minha trajetória e pesquisa”.

## **Considerações Finais**

Ao longo deste trabalho buscamos construir narrativas comprometidas com as realidades sociais que nos envolveram, nos envolvem e que se interconectam com as

demais escalas, a partir do campo na Aldeia Meruri, em General Carneiro, no Mato Grosso. Apoiamo-nos em pesquisas reconhecidas, teóricos e pensadores valiosos para respaldar as perspectivas e o método deste texto ou, destes textos, especialmente, Milton Santos. Optamos por manter o desenvolvimento em três textos assim:

Elissa Mattos descreve a chegada, a acolhida, o espaço e aborda os conceitos da Geografia e da Comunicação com maior objetividade, ao mesmo tempo em que constrói sua narrativa também, a partir das simbologias, da subjetividade.

Mariel Ekureu apresentou sua narrativa a partir da reverberação dos registros de campo anteriores à chegada do grupo de estudantes do mestrado ao território Meruri. Esses registros também compuseram nossa aprendizagem durante as aulas da disciplina Comunicação e Geografia, na Universidade e atravessaram as escalas nacionais, sendo levados a um pesquisador brasileiro residente na Alemanha. Não há citações amparando essa sabedoria indígena, exceto a introdutória.

Victória Magalhães narra o mergulho em sua ancestralidade, provocada pela disciplina, pelo campo Meruri e, sobretudo pelo processo de compreensão do outro e do “outro outro” que a compõem. O que ela experimenta e compartilha é pessoal e, inequivocamente, cultural. A epifania, estratégia comumente utilizada na literatura para aproximar o leitor dos acontecimentos, é observada na autoetnografia como facilitadora do entendimento mais direto sobre uma cultura ou grupo étnico. Sua narrativa é precisamente autoetnográfica e, portanto, instigante.

Por fim, o maior desafio para a tecitura deste trabalho foi encontrar o fio que, diante dos nossos distanciamentos geográficos, étnicos, culturais, envolvesse sem rugas, nossas perspectivas e objetivos. Compartilhamos as meadas dos nossos sentimentos, pensamentos, indagações e, indignações, os registros dos nossos cadernos de campo e percebemos que poderíamos perguntar uns aos outros: qual verdade é verdadeira sobre tudo isso que vivemos juntos e, sobre a história que nos constituiu e constituiu a todos e todas? O quê dessas vozes importa? Qual dessas vozes importa? Mas não era o que precisávamos fazer!

Não havia como ignorar (mais) os silêncios, os implícitos, os incômodos para produzir verdades científicas funcionalistas e positivistas. Quanto do vazio, podemos comunicar a partir do que estamos autorizados (pela ciência) a dizer e do que não nos expõem? E autorizamo-nos mutuamente a confrontar o modelo objetificador que, a princípio, nos orientaria. Acolhemos a subjetividade por dedicação à ciência que se compromete a compreender e interpelar o mundo: A Geografia!

---

**For a communication of (re)cognition: dialogical encounters in Boe-Bororo territory**

**Abstract:** The aim of this text is to promote a dialogical reflection connecting communication processes and geography, starting from a critical perspective and bringing together different perspectives and life paths. The basis for the article was a field activity, as part of the Communication and Geography course of the Postgraduate Program in Geography (PPGEO/UEG), carried out in Aldeia Meruri (Boe-Bororo People), in General Carneiro/MT, in 2023. Thus, considering a humanist geography that recognizes local narratives and the representativeness of experiences, historical origins related to places and values narratives that reveal traditions, memories and subjectivity, this work used praxis and autoethnographic reporting as methodological resources. We sought to base the self-reflexive texts on theories and thinkers from Geography, Autoethnography and Communication, in order to “share” realities that are little accessed by traditional/conservative scientific production. As a result, we have the interconnection between communicative processes strongly based on the places of life of each author. We hope that the reflections presented will contribute to new readings on communication and its roots, embedded in the territories of each people.

**Keywords:** Communication, autoethnography, place, native peoples.

**Por una comunicación de (re)conocimiento: encuentros dialógicos en territorio Boe-Bororo**

**Resumen:** El objetivo de este texto es promover una reflexión dialógica que conecte los procesos de comunicación y la geografía, a partir de una perspectiva crítica y uniendo diferentes perspectivas y trayectorias vitales. La base del artículo fue una actividad de campo, en el ámbito del curso Comunicación y Geografía del Programa de Posgrado en Geografía (PPGEO/UEG), realizada en la Aldea Meruri (Pueblo Boe-Bororo), en General Carneiro/MT, en 2023. Assim, considerando uma geografia humanista que reconhece as narrativas locais e a representatividade das experiências, origens históricas relacionadas com os locais e narrativas de valores que revelam tradições, memórias e subjetividade, este trabalho utilizou a praxis e o relatório autoetnográfico como recursos metodológicos. Buscamos apoiar los textos auto-reflexivos a partir de teorías y pensadores de la Geografía, Autoetnografía y Comunicación, para «poner en común» realidades poco accesibles por la producción científica tradicional/conservadora. Como resultado, tenemos la interconexión entre procesos comunicativos fuertemente basados en los lugares de vida de cada autor. Esperamos que las reflexiones presentadas contribuyan a nuevas lecturas sobre la comunicación y sus raíces, incrustadas en los territorios de cada pueblo.

**Palabras-clave:** Comunicación, autoetnografía, lugar, pueblos indígenas.

---

**Referências**

BENTO, M. M. **As mães das almas Boe: textos-vozes de Leonida Akire Kurireudo e Maria Pedrosa Urugureudo e a importância das mulheres no mundo de Meruri.** 2022.

CHASTAN, L. **Goiás: extremo sudoeste – geo-história e ecoturismo: na trilha dos caiapós.** Goiânia: CERNE, 1996.

COSTA, Sidney A. **Dicionário de Campo como dialética intersubjetiva.** In: WHITACKER, Dulce C. A (org.). *Sociologia rural: questões metodológicas emergentes.* Presidente Wenceslau (SP): Letras à Margem, 2002. p. 151-157.

HOOKS, Bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Tradução Jamille Pienheros Dias. São Paulo: Elefante, 2019.

METÁ (Juçara Marçal, Kiko Dinucci e Thiago França), composição de Siba e a Fuloresta, **Vale do Jucá** (4:41 min). Álbum Metá Metá, Circus/Desmonta, Brasil 2011.

MIRANDA, Camila Fontenele de. **A autoetnografia como prática contra-hegemônica**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF, v.17 n.3 Dezembro. 2022. ISSN 2318-101x (online) ISSN 1809-5968 (print).

MOREIRA, Ruy. **Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

PASTI, André. **A comunicação, os usos do território e o método geográfico: em busca de uma leitura crítica**. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Fortaleza, CE - 3 a 7/9/2012. p. 1-13.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **O latifúndio genético e a re-existência indígena-campesina**. Universidade F. Fluminense, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13431/8631>. Acesso em: 23 dez. 2023.

QUINTILIANO, M. **É preciso aquilombar o território educacional**. Revista RDS, v. 28, n. 2, 2022.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000. 174 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SILVA, Armando Correa da. **As Categorias como Fundamentos do Conhecimento Geográfico**. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia. A. (org.). Espaço Interdisciplinar. São Paulo: Nobel, 1986.

SILVA, M. J. **Quilombos do Brasil Central: séculos XVIII e XIX (1719-1888). Introdução ao estudo da escravidão**. 1998. 464f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de História – Universidade Federal de Goiás – UFG. Goiânia-GO, 1998.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SOUZA, Maria Adélia de. **Enfrentando uma discussão sempre adiada: o objeto da Geografia, o espaço geográfico**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=a\\_2GacN1Y0I&t=123s](https://www.youtube.com/watch?v=a_2GacN1Y0I&t=123s). Acesso em: 23 dez. 2023.

SOUZA, Maria Adélia de. **O espaço geográfico e o território usado**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S6zn7FW3KQg> Acesso em: 23 dez. 2023.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VIEIRA JUNIOR, I. **Doramar ou a odisseia**. São Paulo: Todavia, 2021.

---

Sobre as autoras

**Elissa da Costa Mattos** – Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (PPGEO- UEG).

**Victoria S. Magalhães** – Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (PPGEO-UEG).

**Mariel Mariscot Bento Kujiboekureu** – Mestre em Humanidades, Direito e outras Legitimidades pela Uniersidade de São Paulo.

---

Recebido para publicação novembro de 2024

Aceito para publicação abril de 2025